

O COTIDIANO ESCOLAR COMO LÓCUS DE FORMAÇÃO: CAMINHOS TRAÇADOS NO PIBID

Sandra Regina Gomes da Silva Fagundes¹
Emanuele Ferraz Barbosa²
Emanuele Croza Martins³
Évely Jussara Santana Garcia⁴
Shirley Aparecida Rosa⁵
Sandra Novais Sousa⁶

Eixo 1 – Formação e desenvolvimento profissional Docente

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), com o objetivo de refletir sobre sua contribuição para a formação inicial docente. A partir da análise de vivências dos bolsistas em escolas públicas e da leitura de documentos oficiais, discute-se como o programa favorece o desenvolvimento de uma identidade profissional crítica, sensível e comprometida com a realidade educacional brasileira. Os resultados apontam que o Pibid fortalece a relação entre teoria e prática, promovendo uma formação que valoriza a escuta, o vínculo com os alunos e a mediação pedagógica contextualizada. Conclui-se que a inserção precoce no ambiente escolar contribui para a construção de uma docência mais consciente, ética e transformadora.

Palavras-chave: Alfabetização; Iniciação à Docência; Educação Pública; Prática Reflexiva; Pibid.

Introdução

Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões provocadas pela participação, durante o primeiro semestre de 2025, de acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia (Integral), da Faculdade de Educação (Faed), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Subprojeto Alfabetização, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) da UFMS.

O Pibid foi criado com o objetivo de fomentar a iniciação à docência e fortalecer a formação de professores para a educação básica. De acordo com a Portaria nº 90, de 25 de março de 2024, o programa visa “contribuir para o fortalecimento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira” (Brasil, 2024, p.1).

Entre seus principais propósitos, destaca-se a inserção dos licenciandos na realidade das escolas públicas, permitindo que, ainda durante a graduação, tenham contato direto com o cotidiano escolar. Essa aproximação contribui para a ressignificação da formação docente, ao possibilitar que os futuros professores construam um olhar mais crítico e sensível sobre os desafios e potencialidades da educação pública. Trata-se de um movimento formativo que rompe com a visão tradicional de que a prática deve ocorrer apenas no final do curso, propondo uma articulação precoce, sistemática e reflexiva entre os saberes acadêmicos e os saberes da experiência.

¹ Pedagoga, professora da educação básica na rede municipal de ensino de Campo Grande, MS, supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

² Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS. Bolsista Pibid.

³ Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed. Participante do Grupo de Pesquisa GEPEH e bolsista do Pibid.

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS. Bolsista Pibid.

⁵ Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS. Bolsista Pibid.

⁶ Doutora em Educação, professora lotada na Faed/UFMS. Coordenadora de Área do Pibid.

Nesse processo, os professores supervisores exercem um papel fundamental como orientadores e mediadores. A partir de uma relação dialógica, promovem o acompanhamento das atividades dos bolsistas, discutem propostas didáticas e ajudam a construir espaços de escuta, troca e análise crítica das práticas escolares. Essa interlocução qualificada entre universidade e escola não apenas fortalece a formação dos licenciandos, mas também contribui para a valorização do trabalho docente nas redes públicas de ensino.

No Subprojeto Alfabetização, do curso de Pedagogia (Integral)/Faed, a organização para a execução do programa conta com: 4 horas quinzenais de reuniões, conduzidas pela coordenadora de área, com a participação dos três supervisores/as – cada um/a responsável por um grupo de oito acadêmicas – e as 24 acadêmicas bolsistas; 3 horas semanais de participação direta no cotidiano da escola, realizando observação participativa; uma hora semanal para o desenvolvimento, junto às crianças, de atividades extensionistas, que envolvem a contação de histórias ou leitura de livros de literatura infantil e a execução de atividades lúdicas, relacionadas com a história ou com os conteúdos curriculares que estão sendo trabalhados pela professora regente; e 3 horas semanais para o estudo, leitura, planejamento e produção dos relatórios, que são feitos na forma de narrativas formativas.

As narrativas formativas são escritos de si, que envolvem a reflexão sobre as vivências e aprendizagens na perspectiva da temporalidade (Delory-Momberger, 2012), integrando os saberes já internalizados ou as memórias que são suscitadas pelas situações que estão vivenciando (seja nos momentos de estudo nas reuniões, seja na participação no cotidiano da escola), os novos saberes ou percepções que estão experimentando no presente, e o que isso as leva a refletir sobre sua futura atuação profissional.

Dessa forma, na próxima seção apresentamos algumas reflexões sobre a potencialidade do Pibid para o processo formativo das quatro pibidianas coautoras do presente artigo.

Narrativas formativas e a experiência das pibidianas

Com a participação no Pibid, as futuras professoras têm vivenciado uma aproximação da realidade educacional desde os primeiros semestres da graduação. Como mencionado anteriormente, no Subprojeto Alfabetização, para o registro de como tem sido percebidas essas vivências, são utilizadas narrativas formativas, que são produzidas a partir da consideração da temporalidade, buscando provocar nas bolsistas reflexões sobre a profissão docente. No relato da pibidiana Emanuelle Croza, podemos observar ela elaboração:

Acordei cedo naquele dia meio nervosa, pensativa e com medo de como seria meu primeiro dia indo à escola, como integrante do Pibid, e por mais que já tivesse contato com espaços escolares antes, dessa vez era diferente. Eu não estaria lá como somente uma estudante, mas sim como uma futura professora em formação. Ao entrar pela escola senti um calafrio. As vozes das crianças, as crianças correndo pelo pátio, me levou de volta a minha própria infância. lembrei da minha primeira professora, conforme ela andava fazia um barulho das chaves que ficavam penduradas no pescoço dela, ela usava um perfume muito bom, era um cheiro específico que quando eu o sentia eu sabia que ela estava por perto. Pude perceber o quanto minha trajetória escolar faz parte da profissional que eu estou me tornando. (Emanuelle Croza, Relatório, 2025).

Emanuelle, em sua narrativa, mobiliza as lembranças do seu passado como aluna (o perfume da professora, a sensação de segurança), os sentimentos que vivencia no presente (medo, nervosismo) e o que isso a faz pensar sobre o futuro (a identidade docente em construção). Esses elementos, juntos, são potencialmente provocadores de reflexões sobre a

formação inicial, as aprendizagens que estão sendo construídas e os saberes que ainda precisam ser internalizados nesse processo.

Durante 12 semanas, as quatro acadêmicas do curso de Pedagogia, duas do 5º semestre e duas do 3º semestre, demonstraram interesse e comprometimento na análise crítica das aulas, do envolvimento das crianças e dos desafios da escola real. As observações foram realizadas na Escola Municipal Abel Freire de Aragão, localizada no município de Campo Grande, MS, local em que a supervisora atua como professora regente de uma turma do 1º ano do ensino fundamental, e em um projeto de alfabetização voltado a alunos do 4º ano que não haviam consolidado o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Essa iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande objetiva atender estudantes que, em razão de terem iniciado o ensino fundamental em formato remoto, durante o auge da pandemia de covid-19, enfrentam dificuldades específicas nesse campo. A proposta da escola é oferecer atividades de reforço e mediação pedagógica focada na alfabetização, respeitando o ritmo de cada criança e promovendo sua integração com os demais colegas.

Sobre o projeto, a bolsista Emanuele Croza narra:

[...] me marcou nesse mês foi conhecer um projeto muito bonito que a professora Sandra desenvolve nas quartas-feiras com crianças do 4º ano que apresentam dificuldades no processo de alfabetização. Ela reserva parte do seu tempo para oferecer atividades complementares e mais individualizadas a esses alunos, ajudando-os a avançar na leitura e na escrita com carinho e paciência. Ver esse projeto acontecendo me fez admirar ainda mais o compromisso e a sensibilidade dela com a educação. Mostrou como o papel do professor vai além da sala de aula fixa: é um trabalho que busca alcançar aqueles que mais precisam, com intencionalidade, escuta e acolhimento (Emanuelle Croza, Relatório, 2025).

A participação das pibidianas na escola parceira envolve a observação das práticas e alfabetização mobilizadas pela professora supervisora – tanto no 1º ano quanto com os alunos do 4º que estão no projeto de alfabetização no contraturno – bem como a interação ativa com a professora, propondo atividades, discutindo elementos do planejamento e aspectos relacionados à aprendizagem dos alunos, e com as crianças, auxiliando-as sempre que possível em suas dificuldades.

Como as pibidianas percebem esse contato na escola? Para compreender como tem sido essa experiência, na perspectiva das alunas, trazemos o relato da bolsista Évely Jussara, que conta sobre suas expectativas, medos e percepções sobre a interação com a professora supervisora e com as crianças do 1º ano:

No mês de maio fui à escola Abel Freire quatro dias ao todo, a separação é feita em dias alternados, dando assim a oportunidade de participar de aulas diferentes da professora Sandra e, assim, ter uma dimensão maior de seu trabalho com as crianças. [...] Cheguei na escola completamente ansiosa, ansiedade essa que começou no dia em que fiquei no grupo da professora Sandra e descobri ser uma sala de primeiro ano, já que, apesar de amar interagir com crianças nessa faixa etária, eu não me via trabalhando com crianças pequenas, então tinha um pouco de medo do que me esperava. Mas todo o medo foi embora no momento em que pisei dentro da sala de aula e um aluno que nunca tinha me visto antes já veio e me abraçou. Acredito que, por estar com a camiseta do Pibid, ele me relacionou aos outros estudantes que passaram pela sala e, por isso, veio me abraçar. Logo em seguida, duas

alunas já vieram animadas me mostrar suas bonecas, já que era o dia do brinquedo. Essas atitudes me fizeram relaxar um pouco e me animar com o que me esperava no decorrer do dia e nos próximos dias (Évely Jussara, Relatório, 2025, grifo nosso).

Esse relato nos ajuda a entender que programas como o Pibid podem favorecer a formação dos futuros docentes, ao aproximá-los das diversas realidades que compõem o campo profissional do magistério.

A narrativa da bolsista Shirley, que ingressou no programa no início do mês de julho, sendo, portanto, uma pibidiana “iniciante”, mostra quais aspectos da rotina ela priorizou em sua observação, e também como participou na mediação das atividades:

Estive na escola para observar os alunos e a professora. As crianças contaram os dias da semana, falaram qual era dia e o mês. No primeiro tempo, fizemos atividades de matemática, tivemos também aula de língua portuguesa, em que tiveram que escrever a primeira e a última sílaba de algumas palavras. [...] Eu ajudei algumas crianças com as atividades. Elas são muito atenciosas (Shirley, Relatório, 2025).

Mesmo sendo iniciante no Pibid, a bolsista sentiu-se à vontade para interagir com as crianças e realizar a mediação de suas aprendizagens. As narrativas das bolsistas, como um todo, deixam transparecer que estão compreendendo como a mediação da professora impacta diretamente a construção de conhecimentos por parte dos alunos. Relatam que observaram que, quando a docente acolhe o erro como parte natural do processo de aprendizagem, estimula a curiosidade e favorece a participação ativa dos estudantes, contribui para tornar o ensino mais significativo e emancipador. Essa postura está alinhada a uma concepção construtivista de educação, em que o conhecimento não é algo a ser simplesmente transmitido, mas construído por meio das interações entre alunos, professores e os conteúdos trabalhados.

Mais do que apenas observar os efeitos da mediação, elas também vivenciam essa experiência, que faz parte das atividades profissionais do docente, assim como os desafios que o professor precisa enfrentar na sala de aula para conseguir executar essa mediação com qualidade, considerando o número de crianças que atende. Évely Jussara narra esse aspecto em seu relatório:

Nesse dia, tive uma experiência que, até então, não havia tido antes. Enquanto eu ajudava um aluno a realizar uma atividade de matemática, outro veio me pedir ajuda com a de português. Em pouco tempo, havia quatro crianças ao meu redor, todas pedindo ajuda com suas atividades, e, naquele momento, tive que, em meio ao desespero, administrar como iria atender as crianças e ajudá-las em suas dúvidas. Mais tarde, durante o tempo de PL, falei disso com a professora Sandra Regina, e ela me disse que isso era algo extremamente normal na rotina de um professor, e que, com o tempo, eu iria aprender a lidar com isso. Essa é uma das partes boas do Pibid, ter as experiências de sala de aula durante a graduação nos ajuda a não levar um grande susto quando estivermos à frente de uma sala após a graduação (Évely Jussara, relatório, 2025)

Em relação à experiência de acompanhar as crianças do 4º ano que estão em processo de alfabetização inicial, a bolsista Évely Jussara traz a seguinte narrativa:

Auxiliamos a professora nesse dia, cada uma de nós ficou com um aluno, ajudando com uma atividade de leitura. Pude perceber que a maior dificuldade desses alunos era com o som das palavras e na interpretação de texto. [...] Essas experiências me ajudaram a entender um pouco melhor como ocorre o processo de aprendizagem das crianças nessa faixa etária e, de bônus, consegui ver na prática o que eu vinha estudando ao longo do meu terceiro semestre no curso (Evely Jussara, relatório, 2025).

Podemos observar que a pibidiana considerou aquela experiência formativa, fazendo relações entre os conhecimentos teóricos a que vem tendo acesso na universidade e a prática pedagógica pautada nessas teorias. Essa articulação é fundamental para que os saberes teóricos se transforem em saberes teórico-práticos.

A realidade dos alunos que estão frequentando o referido projeto, longe de ser um caso isolado, reflete os dados apontados pela Unesco (2022), que alertam para o agravamento das desigualdades educacionais na América Latina durante o período pandêmico. No Brasil, segundo relatório do Inep (2022), mais da metade das crianças de 7 anos não estavam alfabetizadas até o final de 2021 – uma consequência direta da suspensão das aulas presenciais e da dificuldade de acesso a recursos educacionais durante o ensino remoto. O impacto da pandemia, portanto, ainda se faz presente, e iniciativas como a que acompanhamos demonstram o papel social da escola em recuperar o direito à alfabetização de forma digna e contextualizada.

Durante as atividades do projeto, as bolsistas tiveram a oportunidade de planejar intervenções pedagógicas com foco em sílabas complexas, utilizando jogos didáticos, imagens e atividades lúdicas. Segundo elas, a escuta atenta das crianças revelou não apenas lacunas no domínio da escrita, mas também inseguranças emocionais relacionadas ao medo de errar.

Uma aluna, por exemplo, demonstrou surpresa e satisfação ao realizar um caça-palavras manuscrito, dizendo que o fato de ter sido feito à mão facilitou sua compreensão. Essa observação levou a pibidiana Emanuele Ferraz a refletir sobre a importância dos vínculos afetivos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente em contextos de recuperação escolar.

Esse mês foi muito produtivo, aprendi muito com a minha turma e com a professora Sandra Regina, pude observar os avanços das crianças em matemática, as crianças do 4º ano evoluíram muito no processo de alfabetização já conseguindo associar a junção de letras simples e ler palavras. Eu percebi ao longo desse mês a importância do significado atribuído ao conhecimento da criança, dar um sentido visual no qual eles vão associar, por exemplo os números sendo as tampas, na atividade das dependências escolares as crianças conheceram a escola, e não tiveram um aprendizado superficial mas tiveram contexto no ensino dos conteúdos, permitindo assim uma educação de qualidade, que leva a criança a pensar e aprender para a vida (Emanuele Ferraz, relatório, 2025).

Figura 1 – Atividades aplicadas com o auxílio das pibidianas no grupo de alunos do 4º ano



Fonte: acervo pessoal – Emanuele Ferraz (2025)

Outro momento citado por Emanuele em seu relatório como significativo foi quando uma criança demonstrou dificuldade com o uso da letra “H” na grafia de palavras como “galinha”. Ela havia aprendido que a letra H “não tem som” e, por isso, não compreendia sua função em determinadas combinações. Esse episódio fez com que a acadêmica refletisse “sobre os riscos de explicações excessivamente simplificadas que, embora bem-intencionadas, podem gerar confusão e comprometer aprendizagens futuras.” (Emanuele Ferraz, Relatório, 2025).

Conforme propõe Emilia Ferreiro, o processo de alfabetização deve ser entendido como um percurso ativo e subjetivo, em que a criança formula hipóteses, testa possibilidades e constrói significados a partir de sua interação com a linguagem escrita (Ferreiro; Teberosky, 1999). A alfabetização, nesse contexto, revela-se como uma ferramenta não apenas cognitiva, mas política. Ler e escrever são atos que ampliam a autonomia dos sujeitos, permitindo que eles participem mais plenamente da vida social.

Ao acompanharem a turma do 1º ano e os alunos do 4º ano que estão no projeto, as bolsistas estão vivenciando quais conhecimentos são necessários ao professor alfabetizador, compreendendo que não basta ter domínio técnico, mas também sensibilidade, escuta e disposição para reconstruir caminhos com os alunos.

Observar e participar desses processos reais de alfabetização, portanto, pode contribuir para ampliar o repertório didático das acadêmicas, assim como as mobilizar ética e afetivamente para os sentidos mais profundos da docência. É nesse entrelaçamento entre teoria, prática e reflexão que a formação inicial se fortalece. E é justamente esse o diferencial do Pibid: permitir que os futuros professores aprendam a ensinar vivendo a escola de forma real, crítica e comprometida.

Considerações Finais

A participação no Pibid tem se mostrado fundamental na formação docente, ao proporcionar vivências concretas e reflexivas que ultrapassam os limites da teoria. As experiências relatadas neste ensaio evidenciam como o contato direto com a realidade escolar permite aos futuros professores compreenderem, de forma mais profunda, os desafios e as possibilidades da prática pedagógica.

Ao atuarmos em um projeto de alfabetização voltado a crianças com dificuldades no processo de leitura e escrita, especialmente em um contexto agravado pela pandemia,

reconhecemos a importância de uma educação sensível, crítica e acolhedora, que valorize a escuta e a mediação comprometida.

Inspirados pelas contribuições de Emilia Ferreiro, compreendemos que alfabetizar não é apenas ensinar códigos, mas possibilitar às crianças a formulação de hipóteses sobre a linguagem e a construção ativa do conhecimento. A escuta atenta, o respeito ao ritmo de aprendizagem e a mediação pedagógica consciente revelaram-se fundamentais para promover avanços significativos. Nesse processo, também nos deparamos com as marcas emocionais deixadas pela precariedade do ensino remoto e pela exclusão digital - o que reforça o papel social da escola como espaço de cuidado, inclusão e justiça educativa.

Assim, o Pibid não apenas nos aproxima da complexidade da docência, como também nos forma éticamente para o compromisso com uma educação transformadora. A formação inicial ganha densidade e sentido quando vivida na prática cotidiana das escolas públicas, possibilitando que teoria e experiência o entrelaçamento para a construção de uma identidade docente crítica, humana e verdadeiramente comprometida com os direitos de aprendizagem de todas as crianças. Mais do que preparar professores, o Pibid prepara sujeitos que educam com propósito, consciência e esperança.

Em tempos de retrocessos educacionais e ataques à valorização da profissão docente, formar-se professor por meio da prática crítica e da escuta atenta é também um gesto político. O contato com a escola pública em toda a sua complexidade nos ensinou que educar é mais do que transmitir conteúdos: é atuar como agente de transformação social, é reconhecer a potência de cada sujeito e acreditar na educação como direito e não privilégio.

O Pibid nos permite aprender com o cotidiano, com os erros, com os silêncios e com as descobertas. Forma futuros professores que não apenas dominam metodologias, mas que compreendem a escola como espaço de acolhimento, resistência e reinvenção. Ao lado de professores experientes, colegas e alunos, construímos, a cada encontro, uma prática pedagógica mais consciente, crítica e afetiva.

Concluir este ciclo é também reafirmar o compromisso com uma educação pública de qualidade, inclusiva e transformadora. Que possamos seguir em formação contínua, levando conosco os aprendizados, os vínculos e, sobretudo, a certeza de que o ensino, quando realizado com escuta, ética e esperança, é uma das formas mais potentes de transformação social.

Referências

- BRASIL Portaria nº 90, de 25 de março de 2024.** Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.
- BRASIL.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Relatório de Resultados do SAEB 2021** – Volume 1: Contexto Educacional e Resultados em Língua Portuguesa e Matemática para 5º e 9º anos. Brasília: INEP, 2023.
- DELORY-MOMBERGER, Chistine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. 18. ed. São Paulo: Artmed, 1999.
- UNESCO. **Informe GEM 2022**: América Latina y el Caribe. Paris: UNESCO, 2022.